

## **Estamos Aqui<sup>1</sup>**

### **Histórias das vítimas de conflito no leste africano**

Jéssica PAULA<sup>2</sup>

Sérgio SÁ<sup>3</sup>

Universidade de Brasília, Brasília, DF

## **RESUMO**

Este projeto se trata de um livro-reportagem sobre as vítimas de conflitos étnicos no leste africano. Baseado em uma experiência de dois meses de viagem por Etiópia, Sudão, Sudão do Sul e Uganda, o livro busca contar histórias de pessoas que viram e viveram os intensos conflitos da região. Deste modo, o produto intercala a narrativa dos personagens com a experiência da repórter, deixando claro que é um relato baseado em uma viagem, e não tem intenção de dizer o que é certo, muito menos de estabelecer uma visão sobre o que é a África e esses países. Além disso, fotografias compõem a narrativa, mostrando os verdadeiros personagens e cenários dessa reportagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** refugiados; África; conflito; livro-reportagem; viagem.

## **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho se propõe a mostrar a realidade por trás dos números encontrados nos relatórios oficiais da Organização das Nações Unidas (ONU) e das Organizações não Governamentais sobre conflitos nos seguintes países africanos: Sudão, Sudão do Sul e Uganda. Para isso realizei uma viagem para esses três países, além da Etiópia. Busquei

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria recém graduado, modalidade livro-reportagem.

<sup>2</sup> Aluno líder e estudante recém-graduado do Curso Jornalismo, email: jessicapaulaprego@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo, email: sergios.sa@uol.com.br.

representar, através de personagens marcantes, a realidade de 43 milhões de pessoas, que de forma direta ou indireta foram afetadas pelos intensos conflitos na região, segundo dados da ONU.

A necessidade de fazer uma viagem ao local foi o ponto de partida. Escutar os relatos de quem viveu o conflito é o grande diferencial. Do contrário, bastariam telefonemas para as ONGs internacionais, escritórios da ONU e uma árdua pesquisa pelos relatórios oficiais divulgados por essas mesmas instituições. Este projeto, pretende, portanto, ir além, e finalmente colocar relatos pessoais como verdadeiros protagonistas de uma história, até então somente contada através de ofícios e números. Como a escritora Eliane Brum deixa claro no livro *O olho da rua*,

Como repórter e como gente eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar era saber ouvir a resposta... Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos. Mais do que saber perguntar precisamos saber ouvir. (BRUM, 2008, p. 11).

Baseado no ideal de escutar e contar a história de pessoas que não tiveram, até então, oportunidade de dizer o que viveram nos ambientes de conflitos, o livro-reportagem mostrou-se uma excelente alternativa enquanto instrumento narrativo.

Os elementos para constituir essas histórias são diversos, de modo que diferentes perspectivas vão de encontro a um mesmo ponto. Informações históricas sobre cada país, curiosidades sobre a formação social de cidades, política, religiosa e econômica. Tudo para que fique claro ao leitor que os conflitos existem por uma série de fatos confluentes e não apenas por ideais, na nossa visão ocidentalizada, deturpados.

Esses elementos estão presentes no decorrer da narrativa, de modo que não há um capítulo apenas para separar espaço teórico ou histórico e econômico. Muitas vezes essas informações vêm descritas dentro da própria construção do personagem que, na forma de um ícone, representa grande parte da população do país em questão. Assim, o fio condutor do livro são as histórias de vida, personagens, lugar, cultura e história que se encaixam, compondo a narrativa.

O livro busca explicar como é o trajeto para chegar até os campos de refugiados, quais são os desafios encontrados por mim, levando também em conta a deficiência física, durante todo o trajeto.

Por isso, busco deixar claro que utilizo um par de muletas para caminhar, que sou jovem e que tenho pouco dinheiro para executar essa viagem. É claro que as relações construídas durante a viagem sofreram essas influências. Sendo necessário, portanto, deixar claro ao leitor que tudo faz parte da experiência de dois meses por esses países.

O livro não tem pretensão, portanto, de ser uma análise definitiva. A vida de cada personagem está em contínua transição que, daqui para frente, não será mais contada por este mesmo material. A história dos conflitos e suas vítimas ainda está sendo, a cada dia, construída.

A alternância do ponto de vista do narrador faz um jogo fundamental para distinguir os momentos narrativos. Dessa forma, busco narrar a mesma história que escutei, narrando em terceira pessoa. Porém utilizo da primeira pessoa quando me envolvo nos acontecimentos. E dessa maneira é feito um exercício para deixar claro que não desejo ser dona de uma verdade absoluta. Essa é minha verdade. A que vivi. E espero que o leitor a compreenda.

## **2 OBJETIVO**

O produto é um livro-reportagem que pretende contar histórias das vítimas de conflitos étnicos no leste africano, de maneira que fique claro que a repórter é estrangeira, portanto, com as percepções de alguém que saiu da cultura ocidental. O objetivo é publicar este livro trazendo, para o “outro lado do mundo”, histórias que, apesar de estarem representadas por 43 milhões de vítimas de conflitos naquela região, não aparecem nos jornais.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Conflitos nessa região africana simplesmente não são noticiados pela imprensa nacional. E não há motivo melhor para motivar uma reportagem especial.

É necessário mostrar que, apesar de partir do contexto de guerra, não são apenas mortos, armas, tiros e autoridades tentando controlar o caos, ou apenas notícias de jornais e

relatórios, vindas de um mundo que parece tão distante que sequer nos comove. Elas são vidas. Não números.

A escolha de um livro-reportagem se deve à liberdade de escrita. Além disso, as histórias que foram colhidas durante dois meses de viagem renderam demasiadas páginas e peso para que coubessem em outras mídias impressas.

Cada personagem tem extrema relevância na composição da história, não apenas deste livro, mas para compor as histórias desconhecidas de seus respectivos países, comunidades, podendo refletir perspectivas de como funciona a dicotômica humanidade em pleno século XXI. É, portanto, amplo. Segundo o conceito utilizado por Eduardo Belo em *Livro-reportagem*,

É possível dizer que o livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa também a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção narrativa. (BELO, 2006, p. 41).

Além disso, as fotografias também compõem a narrativa. Pois os personagens, não são meramente documentais, eles transmitem emoção no olhar, e em seus nos traços.

Desse modo, um livro-reportagem foi escolhido como a melhor maneira de divulgar estas histórias, ambiciosamente, também, tornando-se possível contá-las e divulgá-las para um número maior de pessoas, caso publicado.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Comecei uma extensa pesquisa sobre conflitos no continente africano e cheguei até o famoso vídeo *Kony 2012*, buscando na internet com palavras-chaves como conflito, África, milícias. O vídeo é um documentário de 30 minutos realizado por um cineasta americano que se empenha em divulgar o que acontece no interior de Uganda.

Com base nesse documentário, procurei mais sobre crianças soldados. Descobri que a maioria delas está na África. O Sudão aparece no ranking das Organizações Internacionais

como o país com maior número de crianças em conflito, perdendo apenas para o Myanmar, antiga Birmânia.

Busquei mais informações sobre o Sudão. Pouquíssimo conteúdo encontrado. Mesmo jornalistas especializados em conflitos africanos foram barrados no país. Na literatura africana, apenas livros sobre conflitos de outros países, que já se tornaram filmes de Hollywood, como Libéria, Serra Leoa e Ruanda. Nada sobre Sudão. Por isso, estava escolhido meu tema.

O Sudão viveu uma guerra civil (de 1955 a 1972 - após um período de trégua a guerra retomou - de 1983 a 2005), que culminou na divisão do país. Então, eu me perguntava “como vivem as vítimas desse conflito?”. E para contar sobre tudo isso, eu teria que ver de perto. Não apenas porque seria impossível conseguir informações tão detalhadas a milhares de quilômetros de distância, mas por um princípio que acredito ser fundamental para uma grande reportagem, cuja frase de Ryszard Kapuckinski no livro *Os cínicos não servem para este ofício* ilustra muito bem. “É um erro escrever sobre alguém com quem não se partilhou pelo menos um fragmento da vida.” (Kapuckinski, 2008, p. 25)

Eu obtinha informações em relatórios disponibilizados pela ONU, Cruz Vermelha, agências de notícias, organizações humanitárias internacionais como *Humans Right Watch*, Médicos Sem Fronteiras, Anistia Internacional, além de missões cristãs. Tudo disponibilizado na internet.

Para telefonemas, apenas os escritórios situados na Europa eram mais acessíveis. Alguns números africanos não atendiam, caíam na caixa postal ou simplesmente não existiam.

Informações sobre mobilidade também são escassas. Alguns sites de viagem inclusive dão informações sobre fronteiras que já foram fechadas há anos.

Comprei um mapa do norte da África Oriental e comecei a marcar e checar os caminhos que eu deveria percorrer. Tudo estimado através das informações do site da Acnur (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), afinal esses campos não estão no mapa.

Com essa dificuldade, o trabalho de produção/apuração teve de ser feito, em grande parte, durante a própria viagem. A pauta seria apurada com precisão só durante a viagem, que aconteceu de 22 de maio de 2013 a 18 de julho de 2013.

Os motivos para essa data foram principalmente financeiros. Mas, além disso, o mês de maio, junho e início de julho são favoráveis porque ainda não chegaram as fortes chuvas na Etiópia e no Sudão do Sul.

A partir da data da compra, tive três meses para terminar o planejamento. Os campos de refugiados eram a primeira pista para que eu descobrisse realmente quais são as cidades mais afetadas. Através dessas novas informações, fui organizando e adaptando o roteiro da viagem.

O fato de caminhar utilizando muletas influenciou de forma positiva. Fiz a mala extremamente leve para que eu pudesse carregar, mas, em qualquer lugar que eu chegava, recebia ajuda. Sinto que a deficiência fez a diferença no sentido de "abrir as portas" e deixar as pessoas mais à vontade para conversar comigo.

Os africanos se mostraram receptivos. Não tive qualquer dificuldade para falar com eles à exceção da barreira dos idiomas. Assim tive muitos diálogos por gestos. Nos entendíamos mesmo calados e esses momentos foram fundamentais para a construção do livro. O pesquisador Luiz Costa Pereira Júnior, no livro *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*, explica a importância da entrevista no processo narrativo, e que através da entrevista é possível atingir um “ângulo íntimo, ‘de dentro’ – considerado privilegiado, não necessariamente verdadeiro. Não se acredita propriamente na veracidade do relato, mas não pode haver dúvidas sobre a legitimidade do interlocutor” (PEREIRA JÚNIOR, 2009, p. 8).

Desse modo foi estabelecida, com cada personagem descrito no livro, uma forte relação de confiança. Começava com uma conversa despretensiosa, sem bloquinhos, só com muita ansia de conhecer histórias. Mas logo me identificava como jornalista, explicava exatamente o que era o trabalho. E eles, ao contrário de se afastar, ficavam agradecidos porque alguém estava interessado em saber deles.

Alguns personagens falavam inglês, com outros contei com a ajuda de tradutores. Tudo foi gravado no meu próprio celular e anotado em um caderninho onde também colo notas fiscais, bilhetes de ônibus, recados, cartões, mensagens dos amigos que fazia por lá, um diário de bordo.

Já as fotografias foram um grande desafio. Articular o uso da câmera, com a procura do melhor ângulo, iluminação, além de prestar atenção no diálogo em inglês, e elaborar perguntas importantes.

Por isso, a maioria das fotos são retratos dos personagens olhando diretamente para a câmera, pois precisavam ser posadas. As fotografias feitas em momentos mais espontâneos foram em curtos intervalos nas entrevistas em que, ao observar a luz e a composição, percebia que renderia uma ótima foto. Então, rapidamente pegava a câmera, que já ficava de antemão preparada, e conseguia fotografar um olhar mais distante, um gesto livre, sem pose. Sempre com o consentimento dos personagens.

Apenas Oyenga pediu para que não tivesse o rosto fotografado, e Dib, que de nenhuma maneira poderia ser identificado.

A fotografia é a grande ferramenta para mostrar ao leitor quem realmente compõe essas histórias, os verdadeiros autores. São retratos de um tempo passado – a bagagem de histórias trazida por cada personagem, tudo que eles viveram – em encontro com o presente – o que enxerguei ali.

Pelo compromisso com a informação e principalmente com o leitor, busquei confirmar todas as histórias que ouvi, através de dados disponibilizados pela Anistia Internacional e Acnur. Ao menos todas aquelas que fossem possíveis de serem checadas.

No caso dos refugiados eles passam por um registro na Acnur assim que chegam ao campo. Nesse registro podem ser conferidos nome, sobrenome, de onde veio, como chegou até ali, se estava sozinho ou acompanhado.

Já os ex-meninos soldados, como John e Kirr, têm seus registros feitos no DDR programa de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração, sul sudanês.

Alice Adong, Oyenga e Oola foram registrados na Anistia Internacional.

Busquei encaixar todos os fatos com reportagens e relatórios anuais da ONU, Cruz Vermelha, Médicos sem Fronteiras, *Save the Children*, Anistia Internacional, *Humans Right Watch*. Essas são consideradas as organizações de maior credibilidade devido ao tempo que atuam.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Comprei passagem para a Etiópia, pois lá estão os campos de refugiados que abrigam sudaneses que conseguiram escapar do conflito. Em seguida, iria para o Sudão, e tentaria fazer o que, segundo minha pesquisa indicava, nenhum jornalista internacional havia feito até então, entrar no estado do Nilo Azul, o protagonista dessa guerra.

Ainda durante as pesquisas, descobri que o governo de Uganda acusa o Sudão de dar subsídios para o LRA (Exército de Resistência do Senhor), exército de Joseph Kony - um dos 10 mais procurados do mundo pela Corte Penal Internacional. Eles conversariam entre si. Além disso, o LRA se espalhou pelo Sudão do Sul e faria parte importante dos planos do governo do Sudão em destruir a população do Sul. Conflitos que pareciam distantes e independentes, na verdade se encontram através de um único fio condutor. Isso me fez inserir Uganda no plano de viagem, que antes incluía apenas Sudão e Sudão do Sul.

Os dias eram cansativos. Acordava não mais que às 7h da manhã e passava o dia andando, entrevistando, fotografando, planejando o próximo passo. Diante da diversidade de elementos colhidos diariamente, conseguia escrever pouca coisa. Em alguns dias mais inspirados abria o computador e escrevia sobre tudo o que vira naquele dia. Mas a maior parte do trabalho foi feita já em casa. Depois de recuperada a saúde e de ter esfriado a cabeça. Foram dez meses para escrever o livro.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A experiência dessa viagem não foi apenas jornalística. É algo que mudou quem sou. E me mostrou quão grandes são as histórias humanas.

Profissionalmente, o resultado físico do livro talvez não consiga representar o quanto cresci. Fui aprendendo na prática a entrevistar e apurar. Passei por desafios éticos, como "posso ou não posso fotografar essa criança?". Às vezes até lamentava coisas do tipo "por que não fiz aquela pergunta? Por que não fiz aquela foto? Por que não tentei visitar aquela cidade?". Gostaria de viver novamente uma experiência parecida e fazer um comparativo. Acredito que o próximo trabalho sairá incrivelmente melhor, já que não pretendo perder a paixão pelas histórias fabricadas em lugares remotos.

Aprendi que sem leitura é de fato impossível escrever, e que transformar sentimentos em palavras é muito mais difícil do que andar à noite no Sudão do Sul. Mas não há dinheiro que pague o prazer de andar à noite no Sudão do Sul, pegar malária e ainda voltar (viva) para contar. Acho que estou mesmo na profissão certa.

Fiz o máximo para descrever e contar tudo o que vi e vivi nessa viagem, mas sei que, infelizmente, ainda falta muito para transmitir o que significa ser um refugiado, uma vítima de conflito étnico, uma criança soldado. O livro é apenas uma das maneiras por meio da qual essas histórias podem ser contadas. E espero ver outras.



Quanto à África, quase não tenho palavras. Lamento pelos turistas que se hospedam em resorts, almoçam usando talheres, fazem um safári, e voltam para casa. Eles não conhecem o melhor. O mais gostoso está em cada africano, na ginga, no sotaque, nas histórias de vida, nas cores, na receptividade, e até nos momentos chatos em que temos que ficar falando de Ronaldinho. O mais gostoso está em comer com a mão, andar de *rickshaw*, conversar só usando gestos e ver alegria e sorrisos mesmo sob condições tão dolorosas. Para eles não é dor, é simplesmente o jeito da vida. Quem conhece essa África terá sempre vontade de voltar.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Belo, Eduardo. **Livro-Reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

Bobbio, Noberto. **Dicionário de Política**. Universidade de Brasília, 1998.

Brum, Eliane. **A menina Quebrada**. São Paulo: Arquipélago, 2013.

Carranca, Adriana; Camargos, Márcia. **O Irã sob o chador**: duas brasileiras no país dos aitolás. São Paulo: Globo, 2010.

Cól, Boni e. **A insustentável leveza do clique fotográfico**. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.

Demick, Barbara. **Nada a invejar**: vidas comuns na Coreia do Norte. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Kapuscinski, Ryszard. **Os cínicos não servem para este ofício**. Conversas sobre o bom jornalismo. Lisboa: Relógios D'Água, 2008.

Kourouma, Ahmadou. **Alá e as crianças soldados**. São Paulo: Latitude, 2003.

Lima, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª ed. São Paulo: Manole, 2009.

Magnoli, Demétrio. **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2003.

Sá, Carvalho; Lisovsky, Maurício. **Fotografia e a representação do sofrimento.**  
Intercom, 2007

Salgado, Sebastião. **Gênesis.** São Paulo: Tashen, 2013.

Zanini, Fábio. **Pé na África.** São Paulo: Publifolha, 2009.